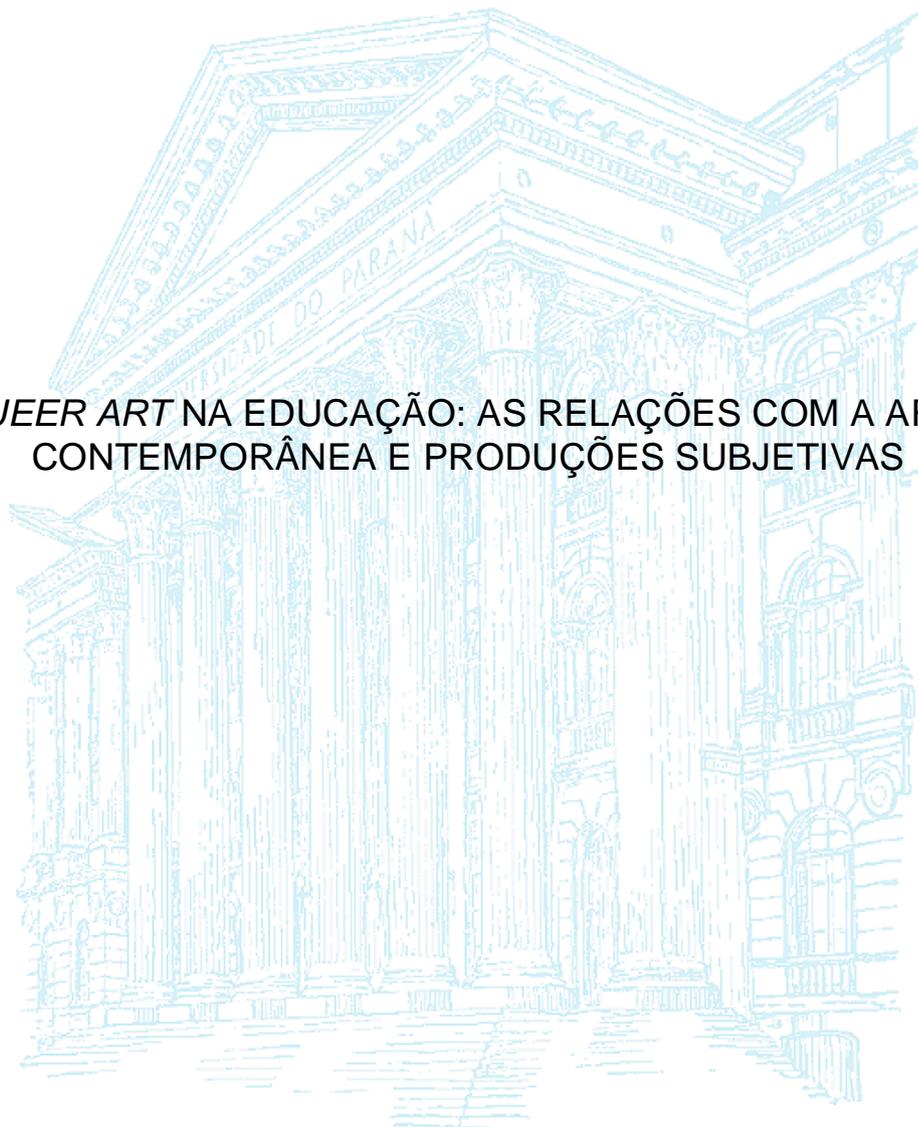


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CLEBERSON DIEGO GONÇALVES

**QUEER ART NA EDUCAÇÃO: AS RELAÇÕES COM A ARTE
CONTEMPORÂNEA E PRODUÇÕES SUBJETIVAS**



ITAMBÉ
2016

CLEBERSON DIEGO GONÇALVES

QUEER ART NA EDUCAÇÃO: AS RELAÇÕES COM A ARTE
CONTEMPORÂNEA E PRODUÇÕES SUBJETIVAS

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Liliam Maria Orquiza

ITAMBÉ
2016

QUEER ART NA EDUCAÇÃO: AS RELAÇÕES COM A ARTE CONTEMPORÂNEA E PRODUÇÕES SUBJETIVAS

Cleberson Diego Gonçalves¹ ; Liliam Maria Orquiza²

¹Graduado em Artes Visuais e Esp. Em Met Ensino de Arte;SEED E-mail: maddoxcircus@gmail.com

² Mestre em Ciência da Informação pela PUCCampinas, UFPR. E-mail: liliamorquiza@ufpr.br

Resumo: Este artigo inscreve-se no cenário da formação/construção da subjetividade de arte educadores, com ênfase na *Queer Art* a partir da Arte Contemporânea. O estudo parte da coleta de imagens e escritas na escola e sua relação com a teoria Queer. Apropria-se das manifestações visuais dos territórios ocupados por docentes/discentes e propõe a construção de um debate a partir de temas como saber, poder e sujeito de Michel Foucault, relacionando-o com as questões de gênero trazidas por Guacira Lopes Louro e Judith Butler, bem como produções textuais/artísticas contemporâneas. Este projeto é um convite para (re) pensar a construção de um olhar sobre a Teoria Queer inserindo-a no contexto da educação.

Palavras-chave: Educação; Arte contemporânea; Teoria *Queer*

Abstract:

This article subscribes to the scenario of the formation construction of subjectivity art educators, emphasizing the Queer Art from Contemporary Art. The study of the collection of pictures and written at school and its relationship with Queer theory. Appropriates the visual manifestations of the territories occupied by teachers students and proposes the construction of a debate from issues such as knowledge, power and Michel Foucault's subject relating it to gender issues brought by Guacira Lopes Louro and Judith Butler and as textual contemporary artistic productions. This project is an invitation to consider building a look at the Queer Theory inserting it in the context of education.

Keywords: Education; Contemporary art; Queer theory

INTRODUÇÃO

Os territórios escolares estão submersos em questões que atravessam as paredes das instituições e atingem os corpos que lá estão. Temas atuais, mas que sempre foram colocados por educadores/as de lado como sexualidade, gênero, feminismos e até mesmo as questões raciais estão sendo discutidas fervorosamente em âmbito nacional que busca por igualdade e equidade, por direitos humanos e políticas públicas que sejam colocados em prática a fim de dar acesso e permanência dos mesmos na escola e na construção de uma identidade.

Para o teórico Michael Foucault, existe uma proliferação de discursos além do binarismo (homem/mulher, homem/homem, mulher/mulher), o que remete a teoria queer, a qual embasa esta pesquisa:

assistimos a uma explosão visível das sexualidades heréticas, mas sobretudo – e é esse o ponto importante – a um dispositivo bem diferente da lei: mesmo que se apóie localmente em procedimentos de interdição, ele assegura, através de uma rede de mecanismos entrecruzados, a proliferação de prazeres específicos e a multiplicação de sexualidades disparatadas. (FOUCAULT, 1993, p. 48).

Essa proliferação de discursos em torno do gênero e sexualidade defendida por Foucault pode ser revisada na história e entendida como início das mudanças e lutas por certa liberdade, mesmo que vigiada. As décadas de 60 e 70 despertaram nas pessoas uma forte vontade de romper barreiras. As manifestações por liberdade, igualdade e direitos humanos fizeram reacender debates em torno do corpo, da sexualidade e do ir e vir.

As manifestações culturais dos anos 60 e 70 refletiram o espírito de uma época de intensa contestação dos padrões sociais, das influências estrangeiras na cultura, de uma geração de jovens que buscavam liberdade através de ideais contraculturais, políticos e revolucionários. (SANTOS, 2009, p.1).

Impulsionados por estudos do teórico Michael Foucault, a então desconhecida teoria *queer* ganha corpo em outros campos como na arte. Essa teoria surge exatamente após essas manifestações culturais, por volta do final dos

anos 80 e início dos anos 90. Debates sobre sexualidade e gênero ganham espaço, o surgimento do HIV (o câncer gay) e a revolta em Stonewall, um bar localizado na Greenwich Village de Nova York são marcados como momentos importantes da contra cultura.

O movimento feminista, a igualdade racial e as relações de poder tornam-se um rico material para a afirmação da teoria *queer*.

Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler, a força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homófobos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido. (LOURO, 2001, p. 546).

A invocação de Butler para a nomenclatura *queer* torna-se uma forma de desarmar opressor, mas a opressão é resistente, ela mora em todos os lugares e atinge pessoas inocentes, pessoas que são barradas em sua liberdade e em suas iniciativas de viver, de buscar viver. Podemos potencializar a explicação para o termo queer e o porquê dessa teoria para embasar essa pesquisa nas palavras do sociólogo Richard Miskolci:

Originada a partir dos Estudos Culturais norte-americanos, a Teoria Queer ganhou notoriedade como contraponto crítico aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e à política Identitária dos movimentos sociais. Baseada em uma aplicação criativa da filosofia pós-estruturalista para a compreensão da forma como a sexualidade estrutura a ordem social contemporânea, há mais de uma década debatem-se suas afinidades e tensões com relação às ciências sociais e, em particular, com a Sociologia. (MISKOLCI, 2009, p.150).

A escola, lugar onde as diferenças se encontram em busca de conhecimento e formação humana, não deveria ser lugar de resistência aos direitos humanos, mas é isto que está acontecendo. Por exemplo, na discussão sobre a retirada da palavra *gênero* do Plano Nacional de Educação (PNE), nos estaduais e municipais. Todos os processos de repressão que atuam neste momento serviram de impulso para ter a teoria queer como ênfase para abordagem dentro da escola, pois a mesma fala de todas as formas de gênero e sexualidade que abrangem o ser humano, sem tecer defesa prioritária para um e/ou uma.

Pensar a *Queer Art* na Educação e as Relações com a Arte Contemporânea na construção subjetiva dos sujeitos é além de mover com a hierarquia e heteronormatividade do currículo escolar e propor a aplicação de uma pedagogia *queer* que, conforme Louro (2011), precisa ser compreendida:

A política de identidade homossexual estava em crise e revelava suas fraturas e insuficiências. Gradativamente, surgiram, pois, proposições e formulações teóricas pós-identitárias. É precisamente dentro desse quadro que a afirmação de uma política e de uma teoria *queer* precisa ser compreendida. (LOURO, 2001, p.546).

Compreender que o sujeito *queer* está dentro das escolas, nas ruas, em todos os lugares e que mais que pensar na sua existência e nas suas necessidades humanas, é preciso pensar em ações que o/a façam estar bem, estar em harmonia com o todo e não em vigilância constante.

Na instituição escolar, observa-se que as relações podem ser discutidas dentro do campo visual através de rastros de escritas, imagens, grafitos e discursos muitas vezes misóginos que atravessam os corpos de vilipendiados. Os/as arte educadores/as são formadores/as importantes no processo de análise desses temas e a partir de sua construção na arte. De acordo com Buoro (2000, p. 25), a arte é “[...] um produto de embate sujeito/mundo, consideramos que ela é vida e, por meio dela, o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que (se) descobre, inventa, figura e conhece”.

A arte contemporânea juntamente com a teoria *queer* abrem uma nova perspectiva de análise de conflitos humanos. Encontramos no arte educador um mediador desses conflitos desde que o mesmo tenha conhecimento dessa extensa cadeia de diversidades humanas que se encontram dentro das instituições. Nas escritas de Ana Mae Barbosa, precursora da abordagem triangular no Brasil, a mesma defende que:

Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.(BARBOSA, 2002, p.18).

A partir desse pressuposto, visa-se com a teoria queer juntamente com a arte contemporânea e os conflitos de gênero nos espaços escolares, observar e discutir de que forma a *queer art* aparece nas instituições de ensino a partir de imagens, escritas, discursos entre outros fatores visuais e como se dá essa construção de “sobrevivência” geopolítica e poética dos sujeitos que vivem em si sua diversidade.

Nessa análise proposta juntamente com arte educadores/as espera-se detectar como os sujeitos “queers” convivem no espaço escolar e disputam direitos humanos (geopolítica). Essa análise é um meio de entender a estrutura poética e os meios que os/as docentes/arte educadores trabalham no espaço escolar a *queer art* e incorporam os discursos com os/as estudantes.

Para a autora Guacira Lopes Louro:

Nos grandes centros, os termos do debate e da luta parecem se modificar. A homossexualidade deixa de ser vista (pelo menos por alguns setores) como uma condição uniforme e universal e passa ser compreendida como atravessada por dimensões de classe, etnicidade, raça, nacionalidade etc. (LOURO, 2001, p. 543).

A questão implicada na citação de Louro é a mesma que temos como base, compreender os resultados dessa luta, se o feito aparece dentro das escolas através das políticas públicas apresentadas recentemente e/ou se são ignoradas pelos docentes. Conforme Michael Foucault, nossa sociedade, há mais de um século, “fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz; denuncia os poderes que exerce e promete libertar-se das leis que a fazem funcionar”. (FOUCAULT, 1993, p.14). Parafraseando Miskolci (2009, p.4), “a sexualidade não é proibida, antes produzida por meio de discursos”.

Observou-se dentro das escolas que os discentes e também docentes reproduzem conceitos que trazem da sociedade, da construção subjetiva dentro de suas casas (família) e posteriormente difundidas em seu comportamento como nas escritas em carteiras, porta de banheiros, contra capa de cadernos e até mesmo suas redes sócias e dicção.

Se ambos (docentes e discentes) reproduzem conceitos misóginos na sociedade (observar anexos no final do artigo) a escola é uma reprodutora desse sistema. Assim, nas palavras de Bourdieu:

[...] o sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da “ordem social” uma vez que a evolução das relações de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força. (BOURDIEU, 2001, p.311).

Ao pensarmos a citação de Bourdieu em relação a instituição escolar, percebemos que sua eficiência como uma instituição produtora de subjetividades é de certa forma falha, ao mesmo tempo em que ela dissemina discursos programados e reproduz violência e vigilância, pois segundo Foucault:

a penalidade, a vigilância e o controle seriam então uma maneira de gerir as ilegalidades, de riscar limites de tolerância, de dar terreno a alguns, de fazer pressão sobre outros, de excluir uma parte, de tornar útil outra, de neutralizar estes, de tirar proveito daqueles. (FOUCAULT, 1987, p. 230).

A instituição escolar se constitui em um verdadeiro observatório político, onde emerge corpos que buscam demonstrar sua relevância discursiva em muitos lugares, dos quais iremos debruçar para entender em que ponto o/a arte educador/a compreende esses signos no espaço e como se pode trabalhar isso com uma proposta de (re) produção subjetiva. Para Deleuze:

Que não haja nem possa haver subjetividade teórica vem a ser a proposição fundamental do empirismo. E, olhando bem, isso é tão-só uma outra maneira de dizer: o sujeito se constitui no dado. Se o sujeito se constitui no dado, somente há, com efeito, sujeito prático. (DELEUZE, 2001, p.118).

Dessa forma é possível falar de subjetividades práticas e sujeitos que se constituem na experiência social, na família, escola, na rua, no seu corpo entre outros espaços nos quais circulam ações, memórias, discursos e outros fatores. As possibilidades de observar as produções subjetivas através de imagens e escritas deixadas como rastros na escola se associam a análise de como se dá a relação com a arte contemporânea e teoria queer.

Não existe uma subjetividade do tipo “recipiente” em que se colocariam coisas essencialmente exteriores, as quais seriam “interiorizadas”. As tais “coisas” são elementos que intervêm na própria sintagmática da subjetivação inconsciente. São exemplos de “coisas” desse tipo: um certo jeito de utilizar a linguagem, de se

articular ao modo de semiotização coletiva (sobretudo da mídia) ; uma relação com o universo das tomadas elétricas, nas quais se pode ser eletrocutado; uma relação com o universo de circulação na cidade. Todos esses são elementos constitutivos da subjetividade. (GUATTARI; ROLNIK, 1999. p.34)

Ao observarmos os elementos que produzem subjetividades, como citam Guatarri e Rolnik, tentaremos entender como os discursos de poder (Foucault, 1987) e as relações com a teoria queer ocupam os espaços e de que forma os/as arte educadores/as lidam com a problemática.

METODOLOGIA – (Re) Criando espaços poéticos

Foi proposta uma pesquisa de caráter qualitativo. De acordo com Lüdke e André (1986, p. 13) a pesquisa qualitativa se define por “interpretações” (etnográfica e o estudo de caso). “Sempre parciais, dependendo de documentos, observações, sensibilidades e perspectivas”. (DA MATTA, 1981, p. 21).

Partindo desse princípio, foi realizada uma pesquisa participante, baseada na interação com arte-educadores realizada através de entrevistas on-line (por meio do Google drive e redes sociais) e coleta (imagens de grafitos e escritas feitas por alunos em paredes, portas de banheiros e carteiras) e análise em grupo das imagens coletadas e obras de arte queer feita com alunos do Colégio Estadual Professor Colares da cidade de Ponta Grossa – Paraná.

As análises das obras de arte juntamente com as imagens teve como objetivo problematizar o ensino da arte e a criação de modos de subjetividade e de subjetivação, além de deslocar a *art-queer* para tematizar outros caminhos e possibilidades mais críticas de construção dos sujeitos.

Sendo assim, foi observado se e como os/as professores/as educadores/as apresentam resistências quanto a *art queer*. Foram analisados também seus depoimentos e relatos de conversas para buscar significados e percepções acerca da arte contemporânea e artistas que se reportam aos elementos da teoria queer.

Através de depoimentos pessoais de experiências, relatos e conversações é conferido (designado) significados aos fenômenos da vida vivida, interpretando-os e desdobrando-os em produções de arte. Interesse, lugar e tempo específicos permitem construir este projeto e desenvolver esta pesquisa. Interrogações e os problemas/críticas que elas instituem desafiam a construir esta narrativa na

expectativa de que ela possa colocar o pesquisador em contato com mundos e trajetórias ao mesmo tempo diferentes e próximos às vividas pelo autor deste projeto. (PRUS *apud* MOREIRA, 2002, p. 50-1).

Partindo desses relatos e coletas, bem como conversações com discentes da instituição selecionada por questão de vínculo e com arte educadores/as de diferentes cidades do Estado do Paraná, a análise tende a abranger as inquietações pertinentes a problemática abordada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – O percurso do discurso com a arte como plataforma

Através de uma conversa e entrevista aplicada pelo Google Drive com 31 (trinta e um) arte educadores/as de todas as regiões do Estado do Paraná, bem como conversas com alunos/as em relação à produção de imagens e escritas misóginas encontradas em portas de banheiro, carteiras e paredes do Colégio Estadual Professor Colares de Ponta Grossa – Paraná realizadas em 2014, obtivemos importantes resultados que desencadearam essa análise descrita abaixo.

A escola deve ser um local de transição multicultural onde todas as diferenças convivem em harmonia uma com a outra, trocando saberes, diferenças e respeito. Essa visão poética do recinto educacional nos coloca a olhar a realidade, suas implicações teóricas e práticas e as relações que o discurso causa ao atravessar corpos de pessoas que não estão dentro das normas estabelecidas socialmente e reproduzidas pela escola e por educadores/as.

Entre o conjunto de documentos que apresentam as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná existe um que é pouco lido, de acordo com a fala de 27 (vinte e sete) arte educadores/as. Trata-se do documento intitulado “Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual da Secretaria de Estado da Educação do Paraná”, aprovado em 2010. (PARANÁ, 2010). Dentro deste documento, a autora César (2010, p.29) faz um importante alerta: “a partir de perspectivas bem estabelecidas, a fala da sexualidade e não o seu silêncio constituiu-se como fator importante no discurso educacional brasileiro”.

Pode-se observar que essa dimensão ideológica bate na construção social e cultural do docente, que deixa de abordar as relações humanas homoafetivas no

ambiente educacional e se torna mais um agressor das “minorias caladas”. (MISKOLCI, 2009).

Para combater essa violência que a sociedade contemporânea prega devemos ir além das questões de gênero, pois existe algo nesta violação que exige um novo olhar, basta olharmos no mercado a forma como o corpo em si é tratado, eis que se tornou um objeto de ostentação de uma produção de valores estéticos que excluem quem está fora de padrões. O corpo tornou-se um campo de batalha móvel e a identidade algo que transita dentro dos processos da globalização. Para César:

Talvez ainda tenhamos que perceber que, paradoxalmente, a ‘educação sexual’ no contexto escolar contemporâneo possa ser um espaço para entendermos a história da sexualidade do ponto de vista dos nossos mecanismos de exclusão e de produção da norma sexual, de modo que possamos resistir aos mecanismos de produção e reprodução da norma. Se isso acontecer, a educação sexual, orientação sexual, ou uma ‘educação para a sexualidade’, nas escolas será, antes de tudo, um ato político contra os processos de violência e exclusão em razão do desejo e do gênero. (CÉSAR, 2010b, p, 32).

A partir da citação acima, foi elaborado um questionário que continha 09 (nove) questões com algumas objetivas e outras descritivas das quais eram: a) Sobre a homossexualidade, você acredita que seja uma doença? b) Se você tivesse um/a aluno/a homossexual você [...] c) O que você acha sobre casais homossexuais andando de mãos dadas ou se beijando em locais públicos? d) Se na sua escola o namoro e demonstração de afeto entre alunos/as fosse permitido, o que você acharia sobre dois alunos ou duas alunas namorando ou andando de mãos dadas? e) O que você faria se tivesse um aluno transexual ou travesti? f) Como você reagiria a uma situação de discriminação por orientação sexual entre alunos/as em sua sala de aula? g) Durante as aulas de arte surgem imagens homoeróticas em, por exemplo: vasos gregos, homens nus em esculturas renascentistas, mulheres nuas se interagindo como na pintura “As três Graças de Rubens” entre outros, de que forma você lida com a situação e com os comentários dos alunos? h) Você aborda a Arte Contemporânea em suas aulas? i) De que forma você trabalha o movimento Queer nas aulas de arte?

As escritas da autora César nas DCEs de Gênero e Sexualidade do Estado do Paraná são um verdadeiro respaldo para as respostas que foram inseridas. A escola age a favor de uma sociedade heteronormativa, que julga aquilo que não se encaixa dentro das ideologias de conduta e física. A presença da sexualidade na escola reproduz:

o dispositivo de controle dos corpos, assim como em paradigma biopolítico de controle da vida, pois foi justamente na instituição escolar que se instauraram historicamente os dispositivos disciplinares e de governo sobre os corpos de crianças e jovens. (VEIGA-NETO *apud* CÉSAR, 2010b, p. 33).

Essa conclusão, a partir da citação de Veiga-Neto citado por César (2010b), aparece nas respostas que obtive no questionário e nas conversações on-line, bem como pessoalmente com os/as arte educadores e com os/as alunos do 3º ano do Ensino Médio do colégio selecionado. Todas as respostas foram selecionadas e reformuladas com imagens de obras de Arte Contemporâneas de quatro artistas que escolhi: Márcia X, Fernanda Magalhães, Baphão Queer e Elisa Riemer, todos/as brasileiros/as, sendo duas paranaenses (Fernanda e Elisa).

As perguntas com as respostas foram colocadas ao lado das obras de arte e com imagens coletadas no ambiente escolar, imagens de escritas e desenhos machistas, homofóbico e preconceituosos.

A primeira questão a qual se pergunta se a homossexualidade é uma doença, tanto no encontro com docentes quanto discentes a resposta foi unânime, “*não*” e “*não, mas é uma escolha*”. Mostra-se, então, uma imagem do ensaio Casulo – Baphão Queer de 2013, um grupo de atores, bailarinos e performer negros da Bahia. Pede-se para que reflitam sobre a imagem e pensem a respeito da segunda pergunta que para os/as Educadores/as foi: Se você tivesse um aluno homossexual você? Que para os discentes foi reformulada para Se você tivesse um colega homossexual você? A questão estava aberta a respostas, mas duas opções desencadeariam reações, uma delas era: Não se importaria desde que o aluno não manifestasse sua sexualidade em sala de aula e Não se importaria de qualquer forma.

Os educadores ficaram divididos entre as respostas alternando conceitos, os/as alunos/as faziam o mesmo, desde que o aluno mantivesse uma “*postura*” de boa conduta e se fosse menino não “*demonstrasse ser tão feminino em seus*

trejeitos”, afinal relacionando a imagem da obra do grupo Baphão com as respostas observa-se que o grupo de arte queer tem uma relação com o corpo livre e estereotipada com adereços femininos com o uso do sapato de salto e roupas.

As outras duas questões foram embasadas por uma obra da artista paranaense da cidade de Maringá, Elisa Riemer, artista que utiliza a colagem para falar de problemáticas feministas e de gênero. As perguntas que tinham relação eram: O que você acha sobre casais homossexuais andando de mãos dadas ou se beijando em locais públicos? E se na sua escola o namoro e demonstração de afeto entre alunos fosse permitido, o que você acharia sobre dois alunos (meninos) ou duas alunas namorando ou andando de mãos dadas na escola?



Casulo Pelo Direito de ser livre.
Amana Dultra/ 2013
Baphão Queer
Grupo Performance Bahia/2013



Deleitação – Elisa Riemer – 2015.

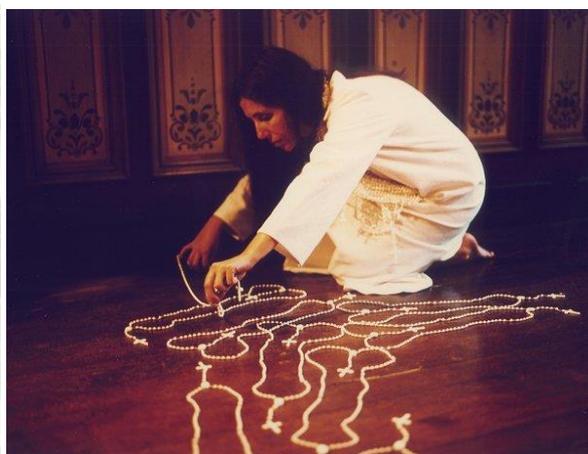
Ambos os lados, professores e alunos/as foram “*contra manifestações públicas de afeto entre pessoas do mesmo gênero*”. Foi apresentado algumas escritas encontradas na escola de caráter misógino e homofóbico da qual buscou-se discutir as questões de igualdade com os/as alunos/as. Dentre elas frases como: “*sapatão merece pica*”, “*viado dá de graça, ligue [...]*”, “*Jefe...boiola, beja piroca*”, enfim muitas palavras e desenhos de palavras consideradas ofensivas e desenhos de órgãos genitais.

Respostas de professores/as como: “*A princípio não gostaria mas depois agiria normalmente*”. E “*não concordo com essa pergunta... pois namoro em escola*

nenhuma é permitido” também apareceram e mostram como Foucault está certo em sua reflexão:

O hospital, primeiro, depois a escola, mais tarde a oficina (...) foram aparelhos e instrumentos de sujeição. Foi a partir desse laço, próprio dos sistemas tecnológicos, que se puderam formar no elemento disciplinar a medicina clínica, a psiquiatria, a psicologia da criança, a psicopedagogia, a racionalização do trabalho. (FOUCAULT, 1987, p. 196).

Outras questões foram levantadas a respeito de travestis e transexuais na escola, com imagens da performance de Márcia X e discussões com a obra “Natureza da Vida”, da paranaense Fernanda Magalhães, a respeito do corpo como instrumento político. Os/as educadores mostraram-se relutantes em suas respostas ao falarem que *“aceitar eu aceito, mas que o aluno não dissemine seu estilo de vida para os outros”*, dando a impressão que todo travesti ou transexual trabalha com a prostituição. E se trabalhasse? Estamos, então, entrando em uma discussão sobre questões do corpo, a regulamentação e normas, questões feministas.



Natureza da Vida – Fernanda Magalhães/UEM 2014 – Foto por Maddox Cleber
Desenhando com terços – Márcia X – 2000

Os/as alunos/as mostraram-se mais interessados das questões de saber quais são as diferenças entre travesti e transexual, bem como o que é cis gênero, pansexual, entre outras nomenclaturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, o ambiente escolar está tornando-se um lugar onde discentes e docentes homossexuais, transexuais, travestis, lésbicas, bissexuais entre outros

estão ocupando seus espaços. A escola que nasceu disciplinar e normalizadora se mostra insuportável por lidar com uma “situação” a qual ultrapassa os limites do conhecimento.

“A teoria queer, partindo das indagações de Foucault e de Butler, representa um acervo importante de novas ‘perguntas-respostas’, pois não é prescritiva, questionando principalmente as condições de possibilidade do conhecimento”. (SPARGO *apud* CÉSAR, 2010b, p.37). Gonçalves (2014) complementa:

Esta teoria está vinculada a diversas áreas do conhecimento, onde os educadores podem intervir e abordar o tema, dando ênfase em um novo discurso que desconstrói essas barreiras heteronormativas de condutas sócias, cristãs e medievais que estão entre as paredes da escola. (GONÇALVES, 2014).

Conforme Eliane Maio, nas DCE’S de Gênero e Diversidade do Estado do Paraná, “há uma variedade de aparelhos inventados para se falar de sexo, para nos fazer falar, para escutar, registrar, classificar o que dele se diz, mas, ao mesmo tempo, valorizando-o como segredo”. (MAIO, 2010, p. 55).

Esta pesquisa mostra o quão o caminho sobre gênero e diversidade dentro da escola é longo e árduo. Os/as educadores mostraram na pesquisa desconhecer a teoria queer e estar presos em questões binárias, os alunos relutaram em alguns temas mas mostraram-se mais interessados em entender e discutir as relações de poder do que os próprios discentes.

A escola, local onde as diferenças deveriam conviver e aprender umas com as outras se mostra relutante em sua missão. Infelizmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae (org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BRAGA, Eliane Rose Maio. A questão do gênero e da sexualidade na educação. In: RODRIGUES, Elaine; ROSIN, Sheila Maria. **Infância e Práticas Educativas**. Maringá: EDUEM, 2007. p.211-220. *apud* PARANÁ, Diretrizes Curriculares Estaduais de Gênero e Diversidade, 2010.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

BOURDIEU, P. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI. Afrânio (orgs). **Escritos de educação**, Petrópolis, Vozes, 2001.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Lugar de sexo é na escola? Sexo, sexualidade e educação sexual. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade**. Curitiba: SEED/PR, 2009. p. 49-58. (Coleção Cadernos Temáticos da Diversidade)

CÉSAR, Maria Rita de Assis. O que são as diretrizes curriculares de gênero e diversidade sexual? In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de gênero e diversidade sexual da Secretaria de Estado da Educação do Paraná**: versão preliminar. [Curitiba]: A Secretaria, 2010. p. 16-19. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/dce_diversidade.pdf. Acesso em: 16 jan. 2016.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de gênero e diversidade sexual da Secretaria de Estado da Educação do Paraná**: versão preliminar. [Curitiba]: A Secretaria, 2010b. p. 29-39. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/dce_diversidade.pdf. Acesso em: 16 jan. 2016.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Quatro intervenções para uma pedagogia queer. 31reuniao.anped, S/D apud SPARGO, T. Foucault y la teoria queer. Barcelona: Gedisa, 2007.

DA MATTA, R. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1981.

DELEUZE, G. **Empirismo e subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. São Paulo: Ed.34, 2001.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade 1**: a vontade de saber. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramallete. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.

GONÇALVES, Cleberson Diego. **A teoria queer na arte educação**: invisibilidade e opressão. 2014. Disponível em: <http://maddoxcleber.blogspot.com.br/search?q=educadores+podem+intervir+e+abordar+o+tema,+dando+%C3%AAnfase+em+um+novo+discurso>. Acesso em: 17 jan. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós identitária para a Educação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n.2, p.541-553, jan. 2001.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de gênero e diversidade sexual da Secretaria de Estado da Educação do Paraná**: versão preliminar. [Curitiba]: A Secretaria, 2010. 70p. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/dce_diversidade.pdf. Acesso em: 16 jan. 2016.

SANTOS, Jordana de. O papel do movimentos sócio culturais nos anos de “chumbo”. **Revista online do Grupo Pesquisa em Cinema e Literatura**, v. 1, n. 6, dez. 2009.